



CURSO ONLINE DE TEOLOGIA

*"O Profeta Isaías", afresco pintado por Giovanni Battista Tiepolo, em 1.726, no Palazzo Patriarcale (Udine, Itália)*

# PROFETAS MAIORES

Um Panorama da Mensagem, Literatura e  
Interpretação dos Profetas Maiores.

# INSTITUTO DE TEOLOGIA LOGOS

*PREPARANDO CRISTÃOS PARA A DEFESA DA FÉ*

*CURSOS DE TEOLOGIA 100% Á DISTÂNCIA*

DISCIPLINA

## PROFETAS MAIORES

*(Organizado pelo Setor Acadêmico do ITL)*

BRASIL, MA

*Versão 2021*

*Pesquisa e Organização do Conteúdo:*

**Instituto de Teologia Logos, EA**

*Gráficos, Edição e Finalização:*

**Instituto de Teologia Logos, EEG**

---

**DADOS DE CATALOGAÇÃO INTERNA DA PUBLICAÇÃO – DCIP**

CÓDIGO DCIP: 001-060-2021-1

CÓDIGO DISCIPLINA: ITLON60

LOGOS, Instituto de Teologia (ORG). **PROFETAS MAIORES.**

MARANHÃO: PUBLICAÇÕES ITL, 2021. 106 pgs.

---

**Instituto de Teologia Logos – Diretoria de Ensino**

Barra do Corda - MA - Brasil - 65950-000

(99) 98433-5387 | [institutedeteologialogos@hotmail.com](mailto:institutedeteologialogos@hotmail.com)

# SUMÁRIO

<b>1 - OS PROFETAS DO ANTIGO TESTAMENTO .....</b>	<b>8</b>
1.1. TRÊS ELEMENTOS DA MENSAGEM PROFÉTICA .....	9
1.2. QUEM ERAM OS PROFETAS? .....	9
1.3. A VOCAÇÃO DE UM PROFETA .....	10
1.4. O QUE ACONTECIA NA HISTÓRIA .....	11
1.5. AS DOCTRINAS DOS PROFETAS .....	15
1.6. O PECADO E O ARREPENDIMENTO.....	17
1.7. PROFECIAS SOBRE A VINDA DO MESSIAS .....	19
<b>2 - ISAÍAS.....</b>	<b>25</b>
2.1. POSIÇÃO HISTÓRICA.....	26
2.2. AUTORIA .....	27
2.3. TEMA.....	27
2.4. MENSAGEM.....	28
2.5. A BÍBLIA DENTRO DA BÍBLIA .....	28
2.6. REINADO DE UZIAS.....	29
2.7. REINADO DE JOTÃO.....	29
2.8. REINADO DE ACAZ .....	29
2.9. REINADO DE EZEQUIAS .....	30
2.10. REINADO DE MANASSÉS .....	30
2.11. PROFECIAS DE JUÍZO E REPREENSÃO .....	31
2.12. A VITÓRIA DE ISRAEL SOBRE A ASSÍRIA.....	32
2.13. LIBERTAÇÃO DO CATIVEIRO POR CIRO .....	33
2.14. REDENÇÃO PELO SOFRIMENTO E SACRIFÍCIO .....	34
2.15. A GLÓRIA FUTURA DO POVO DE DEUS .....	35
2.16. AUTENTICIDADE DO LIVRO DE ISAÍAS.....	37
2.17. CONTEÚDO DO LIVRO .....	37
2.18. IMPORTÂNCIA DO LIVRO DE ISAÍAS PARA OS NOSSOS DIAS .....	43
2.19. NOTA ARQUEOLÓGICA - O ROLO DE ISAÍAS.....	47
2.20. OS ROLOS DO MAR MORTO.....	48
2.21. DE ONDE VIERAM ESSES ROLOS?.....	48
2.22. QUAL A IMPORTÂNCIA DELES?.....	49
2.23. QUAIS AS CONCLUSÕES?.....	49
<b>3 - JEREMIAS .....</b>	<b>52</b>

3.1.	O QUE ESTAVA ACONTECENDO NA HISTÓRIA SECULAR .....	53
3.2.	O AUTOR .....	55
3.3.	QUEM ERA JEREMIAS .....	56
3.4.	CONTEÚDO DO LIVRO .....	56
3.5.	O QUE PODEMOS APRENDER COM O LIVRO DE JEREMIAS .....	63
3.6.	IMPORTÂNCIA DO LIVRO DE JEREMIAS PARA OS NOSSOS DIAS .....	64
<b>4 -</b>	<b>LAMENTAÇÕES.....</b>	<b>67</b>
4.1.	SUA POSIÇÃO NA BÍBLIA .....	68
4.2.	COMPOSIÇÃO.....	70
4.3.	BABILÔNIA.....	70
4.4.	CONTEÚDO DO LIVRO .....	74
4.5.	IMPORTÂNCIA DO LIVRO DE LAMENTAÇÕES PARA OS NOSSOS DIAS.....	76
<b>5 -</b>	<b>EZEQUIEL.....</b>	<b>79</b>
5.1.	ANALISANDO O CONTEXTO HISTÓRICO.....	81
5.2.	OCASIÃO HISTÓRICA, DATA E AUTORIA .....	83
5.3.	TEOR DO LIVRO .....	85
5.4.	PECULIARIDADES.....	86
5.5.	INDOMÁVEL CABEÇA DURA / FACE INFLEXÍVEL .....	88
5.6.	CONTEÚDO DO LIVRO .....	88
5.7.	IMPORTÂNCIA DO LIVRO DE EZEQUIEL PARA OS NOSSOS DIAS .....	93
5.8.	CONCLUSÃO.....	95
<b>6 -</b>	<b>DANIEL .....</b>	<b>98</b>
6.1.	SUA POSIÇÃO NA BÍBLIA .....	100
6.2.	A INTENÇÃO DO LIVRO .....	101
6.3.	SOBRE O AUTOR.....	102
6.4.	DESTAQUES DO LIVRO DE DANIEL.....	105

## APRESENTAÇÃO

Seja bem-vindo(a), caro(a) aluno(a)!

Parabéns pela sua decisão de transformação, pois isso também mostra o quanto você está comprometido em contribuir com a transformação da igreja e da sociedade onde você está inserido.

O Instituto de Teologia Logos estará acompanhando você durante todo este processo, pois “os homens se educam juntos, na transformação do mundo”.

Os materiais produzidos oferecem linguagem simples, completa e de rápida assimilação, contribuindo para o seu desenvolvimento bíblico, teológico e ministerial, para desenvolver competências e habilidades e aplicar os conceitos, fundamentos e prática na sua área ministerial, possibilitando você atuar em favor do Reino de Deus com mais excelência. Nosso objetivo com este material é levar você a aprofundar-se no conteúdo, possibilitar o desenvolvimento da sua autonomia em busca de outros conhecimentos necessários para a sua formação bíblica, teológica e ministerial.

Portanto, nossa distância nesse processo de crescimento e construção do conhecimento deve ser apenas geográfica. Utilize todos os materiais didáticos e recursos pedagógicos que disponibilizamos para você. Acesse regularmente a Área do Aluno, participe no grupo online com o tutor online que se encontra disponível para sanar suas dúvidas e auxiliá-lo(a) em seu processo de aprendizagem, possibilitando-lhe trilhar com tranquilidade e segurança sua trajetória acadêmica.



**AULA**  
**01**

# 1 - OS PROFETAS DO ANTIGO TESTAMENTO

O profeta não era simplesmente um líder religioso, mas alguém possuído pelo Espírito de Deus. Pelo fato de o Espírito e a Palavra estarem nele, o profeta do Antigo Testamento, possuía três características:

1. **Conhecimentos divinamente revelados** - O propósito principal de tais conhecimentos era encorajar o povo a permanecer fiel a Deus e ao seu concerto;
2. **Poderes divinamente outorgados** - Os profetas eram levados à esfera dos milagres à medida em que recebiam a plenitude do Espírito de Deus;
3. **Estilo de vida característico** - Na sua maioria, eles tinham abandonado as atividades seculares da vida a fim de viverem para Deus.

Os profetas do Antigo Testamento foram homens que Deus levantou, principalmente nos períodos sombrios da história de Israel. O ofício de profeta foi instituído no tempo de Samuel, quando o reino se dividiu; Judá e Israel se estabeleceram como monarquias separadas. O período dos profetas em Israel cobriu quinhentos anos, do nono ao quarto século antes de Cristo. Depois, as vozes dos profetas silenciaram até João Batista - Novo Testamento. Esses profetas falaram corajosamente aos reis como ao povo a respeito dos seus pecados e falhas. As palavras que usavam para repreender ou exortar o povo eram incisivas. Eles lembravam ao povo constantemente que Jeová é o único Deus verdadeiro, assim como dirigiam a atenção do povo para a lei.

O Espírito de Deus falava aos profetas: “Como prometera, desde a antigüidade, por boca dos seus santos profetas” (Lc 1:7). Ainda que os profetas falassem à sua época, como já mencionamos, eles estavam sempre antecipando acontecimentos futuros. Além disso, encontramos princípios permanentes apresentados do povo escolhido e a vinda do Messias. Cada um deles mostrava como Deus cumpriria seus propósitos por meio do Messias.

De Isaías a Malaquias, no Antigo Testamento, temos os livros proféticos que somam ao todo 17 livros e dividem-se em dois grupos: maiores e menores. São assim chamados, não por causa da sua importância, mas pela quantidade do material escrito. Os cinco livros que compõem os profetas maiores são: Isaías, Jeremias, Lamentações, Ezequiel e Daniel. O livro de Daniel será estudado no livro de Escatologia.

Neste livro examinaremos os escritos de três grandes profetas: Isaías, Jeremias e Ezequiel. As profecias transmitidas por estes homens não só formam base de muitas doutrinas no Novo Testamento, tal como Salvação, Cristologia e Escatologia, mas também proporcionam uma abundância de verdades espirituais relevantes à nossa geração da atualidade.



## 1.1. Três Elementos da Mensagem Profética

Campbell Morgan diz que haviam três elementos na mensagem dos profetas:

1. A mensagem para os seus dias - diretamente de Deus.
2. A mensagem de predição de acontecimentos futuros: o fracasso do povo escolhido de Deus e o juízo de Deus sobre ele e sobre as nações em redor; a vinda do Messias, sua rejeição e sua glória final; e o Reino Messiânico que seria finalmente estabelecido na terra.
3. A mensagem viva para os dias - os princípios eternos do bem e do mal.

## 1.2. Quem Eram os Profetas?

Os livros dos profetas, formando quase um terço do Velho Testamento, contêm a doutrina e, em certos casos, a história pessoal dos profetas que apareceram isolados, a intervalos ou contemporaneamente, desde o séc. VIII ao séc. IV A. C. Este período é notável pelo largo desenvolvimento do pensar humano, e pelo aparecimento de ilustres orientadores do espírito em todos os países do globo.

Quando Sofonias previa a desgraça que devia cair sobre Jerusalém, e Naum descrevia a ruína de Nínive, Zoroastro, segundo um cálculo provável, empenhava-se a fundo na reforma da antiga religião iraniana. Quando Jeremias e Ezequiel insistiam na pregação do culto interior e puro a Deus, na conduta sincera e na responsabilidade pessoal, Confúcio dava à religião da China uma forma definitiva, enquanto Sidarta na Índia lançava os fundamentos do Budismo.

Na era dos profetas que surgiram depois do exílio, encontrava-se em elaboração a antiga religião grega, enquanto os filósofos da Jônia concebiam novos e elevados conceitos do universo e os dramaturgos da Ática representavam os mistérios da vida humana, sem esquecerem o espírito de justiça a que devia subordinar-se.

Atravessava-se, então, um período de grandes acontecimentos políticos: Israel, deixava de existir; a Assíria perdia a sua independência; Babilônia era submetida pelos persas; Jerusalém, após ter sofrido uma destruição total, vivia um período de ressurgimento nacional. A Grécia, depois de se libertar galhardamente do inimigo invasor, via-se a braços com a praga das lutas internas. Roma, a expandir-se avassaladoramente. Enfim, uma época brilhante em todos os ramos da ciência, da política e da estratégia, sem que, todavia, nenhum sábio, nenhum político, nenhum herói tenham superado esses homens de poder e de visão, que foram os profetas de Israel e de Judá.

### 1.3. A Vocação de um Profeta

Os pregadores do séc. VIII não foram os primeiros profetas, no sentido que normalmente lhe atribuímos. Vêm de longe, pois desde os tempos remotos de Abraão se vêm verificando esses testemunhos duma doutrina fixa, que, revelada gradualmente, se baseou, sobretudo, na pregação de Moisés. Os profetas, tal como este patriarca, foram "chamados" por Deus, que os encarregou duma missão altamente espiritual.

Os diferentes nomes que a Escritura atribui aos profetas dizem algo do caráter e da natureza da obra desses homens excepcionais. O que vinha a ser então o profeta? Primeiramente um "homem de Deus", quer dizer mais intimamente ligado a Deus do que os outros homens, e, portanto, mais reto e mais justo do que eles. Em segundo lugar o profeta é um "servo DO SENHOR", com uma missão especial a cumprir, a de entregar uma mensagem aos povos. Daí ser o profeta o "mensageiro DO SENHOR". As suas palavras tinham uma autoridade e uma força que só podiam advir de Deus. Finalmente o profeta é um "homem de Espírito", no dizer de Oséias (Veja: Os 9.7). Isto no que se refere ao poder e à autoridade do profeta. Mas, se atendermos ao fato de que era esse homem que explicava aos povos a mensagem divina, podemos ainda acrescentar aos epítetos do profeta o de "intérprete".

Mais três nomes vêm-nos indicar como o profeta recebia a sua mensagem, e a seguir como a tornava conhecida. Dois deles roeh e chozeh significam "vidente". O profeta vê o que não é dado ver aos restantes homens, mas não por mérito próprio devido a uma excepcional perspicácia, ou a um poder de penetração, que são apanágio de inteligências agudas e experientes. Também não se trata do emprego de meios semelhantes aos que se utilizavam na adivinhação ou no ocultismo. A "visão" do profeta resulta exclusivamente dum dom sobrenatural, independente da vontade do mesmo profeta, pois o objeto dessa visão é revelado por Deus. Não vá julgar-se, porém, que tal submissão a Deus pode implicar uma passividade absoluta. O uso das faculdades normais do profeta não fica em suspenso, como se pode deduzir da palavra "vidente", já que, quando mais não seja, a visão exige não pequeno esforço da parte do profeta, preparando-se para ela, as mais das vezes, com oração e com rogos (cfr. Dn 9.3).

A terceira palavra em questão, mais frequente e que se traduz por profeta, é nabi, e dá a entender que a pessoa assim designada é um verdadeiro intérprete.

Ao contrário de Elias e Eliseu, os últimos profetas não operavam milagres. Confiavam inteiramente nas palavras escritas ou proferidas, e reforçadas de vez em quando por uma ação simbólica (cfr. Jr 28.10). Embora unidos ao passado, interessavam-lhes, sobretudo, as circunstâncias do presente. Por isso, as suas obras refletem a vida política, econômica,

social, moral e religiosa da época em que viveram. Assim se explicam algumas das descrições de reinados sucessivos dos livros dos Reis e das Crônicas.

#### 1.4. O Que Acontecia Na História

Durante os vários séculos da atividade dos profetas, a história de Israel e de Judá foi largamente afetada pelas ambições de três grandes países: Assíria, Babilônia e Pérsia. E de tal modo o domínio foi exercido pelos vencedores, que podemos agrupar os acontecimentos conforme o período desse domínio exercido. As datas são, por vezes, apenas aproximadas, e por isso não admira que nem sempre concordem as cronologias apresentadas.

##### O Período Assírio

Durante a maior parte do reinado de Jeroboão II (783-743 A. C.) a Assíria encontrava-se plenamente absorvida com os seus assuntos internos, de maneira a não incomodar as pequenas nações, que prosseguiram tranquilamente na sua política individualista. Jeroboão estendera as fronteiras do norte até aos limites do reinado de Davi, com exceção de Judá. Este acontecimento, já foi anunciado por Jonas (Veja: 2Rs 14.25), foi seguido por um largo período de prosperidade material, como se depreende da pregação de Amós e Oséias. Estes profetas não deixam, todavia, de acentuar o declínio espiritual e a corrupção dos costumes que então atingiram um nível nunca alcançado.

Em 745 A. C. Tiglate-Pileser III, após uma série de campanhas militares, procurou infiltrar-se na Ásia ocidental, acontecimento também previsto por Amós e Oséias, mercê dos pecados de Israel. Amós, por exemplo, profetizou a destruição da corte real, profecia que se cumpriu quando Zacarias, sucessor de Jeroboão, foi assassinado pelo usurpador Salum, após um efêmero reinado de 6 meses. Com a queda da dinastia de Jeú a história de Israel sofreu novas alterações. Cinco reis subiram ao trono e em breve espaço desapareceram. Ao cabo de um mês Salum foi assassinado por Menaém, que passou a reinar dez anos, embora durante quase cinco pagasse tributo à Assíria. Quando, porém, subiu ao trono seu filho Pecaías, uma revolta substituiu-o por Peca que, não concordando com a política da Assíria, formou uma aliança com a Síria e atacou Judá, possivelmente por não querer aderir àquela aliança. Foi nesta altura que Isaías previu a queda de Samaria e Damasco. Não obedecendo aos conselhos do profeta, o rei da Judéia, Acaz, pediu socorro à Assíria, a que Tiglate-Pileser III respondeu com a invasão duma grande parte de Israel, levando a população dos territórios invadidos e reduzindo o reino do norte a estreitas fronteiras. Peca foi assassinado por Oséias, e Israel mais uma vez passou a pagar tributo à Assíria. Em 732 A. C. Damasco sofre a invasão da Assíria, o mesmo sucedendo dez anos mais tarde a Samaria. Oséias, encorajado pelo Egito, revolta-se contra a Assíria, mas falhou a tentativa de atingir a liberdade. A cidade foi cercada pelo exército de Salmaneser V e, após três

anos, capitulou ao seu sucessor Sargom II. Os sobreviventes foram exilados e o reino do norte deixou de existir.

Como Israel, no reinado de Jeroboão, Judá no tempo de Uzias aproveitou a relativa liberdade e independência para desenvolver o poderio militar e intensificar o comércio. Coroadas de êxito tais tentativas, não deixou, todavia, esta prosperidade material de conduzir ao esquecimento de Deus. Isaías, que começou a sua missão profética no ano da morte de Uzias (cfr. Is 6), oferece-nos uma descrição real dos males sociais e religiosos do tempo de Jotão. Em virtude de Acáz, seu sucessor, não ouvir as advertências do profeta na altura da guerra entre a Síria e Efraim, Judá perdeu a sua independência, o que veio trazer consequências desastrosas para a vida religiosa da nação.

Durante algum tempo, Ezequias continuou a política de sujeição de seu pai e, quando o Egito pensou em fomentar uma revolta entre as nações menores, Isaías opôs-se a uma aliança e previu a queda do país. Associou, todavia, o usurpador babilônico a Merodaque-Baladã, depois do que profetizou o cativo de Babilônia (cfr. 2Rs 20.12-21). Morto Sargom II em 705 A. C., Ezequias revoltou-se contra a Assíria e atacou os filisteus, que eram seus tributários. A invasão de Senaqueribe, que terminou pela libertação miraculosa de Jerusalém, causou uma profunda impressão, e passou-se a confiar no Senhor, pelo amor que dedicava à Cidade Santa. Durante o período difícil, Isaías encorajou o rei e o povo a confiarem sempre no Senhor. Mais tarde, porém, vai censurar a nação por não dar glória a Deus, que acabava de derrotar o inimigo. A reforma de Ezequias, efetuada no tempo de Isaías e Miquéias, eliminou as práticas introduzidas por seu pai Acáz (cfr. 2Rs 16.2-4,10-12). Seu filho Manassés, porém, prestou vassalagem à Assíria e voltou ao paganismo, desta vez acompanhado dum série de perseguições e de atos de violência, que tornaram detestável o seu reinado.

Sofonias, ao profetizar o reinado de Amom, filho de Manassés, apresenta-nos também um esboço da sociedade do seu tempo. Após dois anos de governo, Amom foi assassinado pelo chefe dum partido, que poderíamos chamar reformador. Entretanto, o poder da Assíria entrava no seu declínio. Ao findar o reinado de Assurbanípal (668 -630 A. C.), a atenção do rei de tal modo se concentrava nos acontecimentos do oriente e do sul, onde as invasões citas se tornavam um perigo ameaçador, que o Egito podia à vontade consolidar a sua posição de reino independente. Só depois da morte daquele rei em 625 A. C. Nabopolassar fundava o Império neo-babilônico. Como causa destes acontecimentos, em Judá, o filho de Amom, Josias, podia executar a reforma indicada no livro que encontrou no templo e estender a sua atividade até Samaria. Como Naum previra, Nínive foi conquistada pelos medos e pelos babilônios em 612 A.C. O império assírio perdia-se irremediavelmente, seguindo-se o domínio evidente de Babilônia.

O Período Neo-Babilônico

Em 608 A. C. Faraó Neco levou a cabo uma expedição ao Eufrates, e Josias, receando talvez pela liberdade do seu povo, saiu-lhe ao encontro e deu-lhe batalha em Megido. Os acontecimentos que se seguiram em Judá têm uma estranha semelhança com a de Israel nos últimos anos. Só um dos quatro restantes reis de Judá morreu de morte natural. Tal como os profetas Oséias e Isaías-um dentro e outro fora do reino-estiveram em contato com os acontecimentos de Israel, assim Jeremias e Ezequiel na luta final de Judá foram os mensageiros da palavra de Deus ao povo.

Depois da morte de Josias subiu ao trono seu filho Jeocaz, num reinado de curta duração, pois após três meses foi deposto, e exilado por Faraó Neco, que entregou o trono a seu irmão Jeoaquim. Jeremias compara a injustiça deste com o reto proceder do pai em relação aos pobres e necessitados (Veja: Jr 22.13-19). E das suas palavras se conclui, que neste reinado também se levantou uma onda de paganismo gigantesca e avassaladora. A série de reformas promulgadas não alteraram o espírito da nação. Quem se beneficiou foi o Egito, que imediatamente aproveitou a sua supremacia para influir nos ânimos mais tímidos.

Em 605 A. C. Neco perdeu a vida na batalha de Carquémis em luta com os babilônios. Judá foi subjugada e durante três anos Jeoaquim prestou vassalagem a Nabucodonosor, filho de Nabopolassar. Pouco depois Judá revoltou-se, mas, antes que Nabucodonosor interviesse para dominar a situação, faleceu Jeoaquim e subiu ao trono Joaquim, seu filho. Três meses mais tarde, em 597 A. C., capitulou e Nabucodonosor levou-o cativo para Babilônia, juntamente com as pessoas mais destacadas do país. Esse cativo durou trinta e cinco anos.

A capitulação do rei de Judá veio, no entanto, prolongar a vida de Jerusalém por mais dez anos. Matanias, tio do rei cativo, foi colocado no trono por Nabucodonosor que lhe mudou o nome para Zedequias. Em 594 A. C. surgem embaixadores dos pequenos estados vizinhos a solicitarem apoio para uma revolta comum. Isto deu azo à discussão travada entre Jeremias e Hananias, em virtude de o primeiro não ser favorável à dita revolta (Veja: Jr 28.1-7). No momento o motim não chegou a realizar-se, vindo, porém a suceder mais tarde no tempo de Faraó Hofra com um novo cerco a Jerusalém. Faraó. O resto do povo, conduzido por Joanã, dirigiu-se para o Egito e com ele seguiu Jeremias. Estabelecendo-se nas cidades fronteiriças, depressa foi posto de lado o culto DO SENHOR. É que os espíritos ficaram completamente transtornados após a destruição de Jerusalém. Quando Jeremias protestou contra o culto da Rainha do Céu, então freqüente entre os judeus no Egito, as mulheres logo replicaram que não podiam abandonar tal culto, uma vez que só a adversidade as perseguia, desde que seus pais deixaram de o praticar.

Dos primeiros cativos levados para Babilônia salientaram-se Daniel e seus companheiros, que, apesar de viverem na corte pagã, ficaram sempre fiéis ao culto DO SENHOR. De dois

passos de Ezequiel (Veja: Ez 14.14,20) muitos concluem ser familiar à história de Daniel aos outros exilados, que lhes servia de exemplo.

O livro de Ezequiel fala-nos largamente dum grupo de judeus cativos que, levados com Joaquim, se tinham estabelecido num lugar chamado Tel-Abibe. O profeta era um membro desta colônia. Da carta que Jeremias lhes dirigiu (Veja: Jr 29) pode deduzir-se que gozavam de grande liberdade, pois é provável que vivessem em bairros próprios ou então num extenso território demarcado, onde não poderiam considerar-se prisioneiros no sentido rigoroso da palavra. Foram os anciãos que aí organizaram a vida social e religiosa, enquanto outros se entregavam livremente ao comércio, que prosperava cada vez mais, como podemos verificar pelos impostos que mais tarde foram lançados para a reconstrução do templo. Sob o aspecto religioso foi maior ainda o progresso. Longe de Canaã, nunca mais se deixaram seduzir pelos seus Baals. Nada poderia conduzi-los ao culto dos deuses dos vencedores assírios e egípcios. Graças à eficiente pregação de Ezequiel, e esquecidos os deuses de Babilônia, depressa era fácil regressar ao Deus de seus antepassados. Os sacrifícios não poderiam com facilidade ser oferecidos ao SENHOR, mas a oração substitui-los-ia. Guardava-se o sábado. Provavelmente lia-se a Bíblia com regularidade e em público, o que vinha fortificar os espíritos e contribuir para a divulgação da verdade. Era o princípio da sinagoga.

Em 561 A. C. morreu Nabucodonosor. Os três reis que lhe sucederam reinaram por períodos relativamente curtos. Julga-se que o último, Nabonido, se tenha retirado para a Arábia, depois de ásperas contendas com os sacerdotes. Tornou-se co-regente seu filho Baltasar. Alguns anos antes Ciro, governador de Chuchan, pequena província do Elã, revoltou-se contra Astíages, rei da Média, e iniciou uma série de conquistas. Espreitava-o, porém, a ambição desmedida da Lídia, da Babilônia e do Egito, que se apressaram a formar uma coligação contra ele. Creso, rei da Lídia, todavia, atreveu-se sozinho a enfrentá-lo e em 546 A. C. viu a sua capital Sardes invadida e todo o reino devastado. Ciro então voltou a Babilônia, que submeteu sem esforço, em 539 A. C. O gênio militar e outras virtudes guerreiras deste monarca entusiasmaram a imaginação dos escritores antigos. E assim termina o período babilônico com a subida ao poder do grande rei.

#### O Período Persa

Inicia-se este período por um fato importante: o do cumprimento das profecias da restauração. Ciro simpatizava-se com as aspirações religiosas dos diferentes povos do seu império. Conta Josefo, que chegou a proteger os judeus, só porque lhe tinham sido apresentadas as profecias de Isaías. Em 538 A. C. publicou mesmo um decreto autorizando-os a voltar e a reconstruir a sua cidade. Partiram nesse ano os primeiros cinquenta mil, chefiados por Sesbazar.

Após sete meses de trabalhos intensos, estava restaurado o altar e já ali se ofereciam sacrifícios ao Senhor. Dois anos depois cavavam-se as fundações para a reconstrução do templo. Mas, devido à oposição da população local, as obras foram interrompidas até 520 A. C., e só se iniciaram de novo graças aos estímulos dos profetas Ageu e Zacarias. Zorobabel, neto de Joaquim, passou a governar o reino de Judá.

O império persa via-se agora a braços com diversas revoltas que vieram ofuscar o alvorecer do reinado de Dario. Todas as atividades invulgares passaram então a ser objeto de suspeita. Tatenai, governador persa da Síria, mandou abrir um inquérito acerca da reconstrução do templo, e os judeus viram-se obrigados a recorrer à autoridade do decreto de Ciro, uma vez que a notícia confirmada chegara à corte persa. Dario, porém, atendeu às reclamações dos judeus, por serem justas e conformes à lei, e o templo ficou concluído em 516 A. C.

Nada mais se sabe dos restantes exilados, até que em 458 A. C. chega Esdras com um novo grupo vindo de Babilônia e portadores de consideráveis presentes para o culto do templo. É talvez melhor colocar o ministério de Malaquias neste período desconhecido antes do aparecimento de Esdras, do que propriamente na altura em que Neemias se encontrava ausente na Pérsia. Sendo assim, facilmente se compreende que a missão de Esdras e a obra reformadora de Neemias vêm completar a doutrina que encerram os livros, cujos autores são aqueles profetas.

Artaxerxes encarregara Esdras de organizar o culto do templo e de instruir o povo em conformidade com a Lei de Moisés. Catorze anos após a sua chegada, Neemias era nomeado governador da província e conseguiu restaurar as muralhas da cidade no curto espaço de cinqüenta e dois dias. Era o início da campanha reformadora, em que se empenhara, exterminando os abusos e fazendo uma aliança solene com o povo. Esta implicava, em princípio, a guarda da Lei Mosaica, a supressão dos casamentos com estrangeiros e do comércio ao sábado, e finalmente uma contribuição pecuniária para o culto do templo.

A relação entre estas reformas, a que o povo se submetia, e as que Malaquias lhe pregava, dão a entender que aquela aliança pode ser considerada como o fruto da pregação do profeta.

## 1.5. As Doutrinas dos Profetas

### A Natureza de Deus

Podemos considerar a religião como uma tentativa eficaz para estarmos de boas relações com o supremo Poder do Universo. O caráter e o valor dessas relações, dependem muito do conceito que formamos do objeto do culto. Ao tempo da morte de Josué, embora Israel

# PARABÉNS!!!

**VOCÊ ACABOU DE LER O NOSSO CONTEÚDO!**

Esta apostila é exclusiva para os alunos do Instituto de Teologia Logos... Se você ainda não está estudando conosco, nós estamos lhe oferecendo uma oportunidade de fazer sua inscrição com um excelente desconto e alguns bônus especiais.

Você só precisa clicar no link abaixo (ou copiar em seu navegador) para acessar nosso site e conhecer os cursos que estão disponíveis hoje!

**:: CURSOS DE TEOLOGIA ::**

[www.institutodeteologialogos.com.br/cursos-de-teologia](http://www.institutodeteologialogos.com.br/cursos-de-teologia)

**:: BLOG DE TEOLOGIA ::**

[www.institutodeteologialogos.com.br/blog-de-teologia](http://www.institutodeteologialogos.com.br/blog-de-teologia)